



Introdução à Cooperação Internacional para o Desenvolvimento

Carga horária Semanal: 2+2 horas

Unidades de Crédito: 6.0 (ECTS)

Ano Letivo: 2014/2015

Docentes: Prof. Doutor Carlos Sangreman (responsável)

Outros docentes: Prof. Doutora Ana Larcher (atores públicos e privados)

Doutora Raquel Faria (instrumentos de síntese da cooperação)

Dra. Fátima Proença (financiamento e avaliação)

Tutoria: Doutora Raquel Faria

Contacto email: carlos.sangreman@ua.pt

Objetivos de aprendizagem:

O objetivo geral do curso é dotar os formandos de competências básicas que envolvem os mecanismos da cooperação para o desenvolvimento, incluindo a conceção de projetos e a estratégia da cooperação portuguesa para o desenvolvimento. No final do curso os formandos terão adquirido compreensão e construído conhecimento acerca: das ferramentas básicas da cooperação para o desenvolvimento; das competências básicas para implementar um projeto de cooperação para o desenvolvimento; das principais estratégias e abordagens da cooperação portuguesa para o desenvolvimento.

**Conteúdo Programático:**

Nº tema	Conteúdo	Docente / tutor
1	- Definições e conceitos básicos cooperação e desenvolvimento, - A evolução do pensamento sobre desenvolvimento	Carlos Sangreman /
2	- História breve da cooperação - Tipologia da cooperação: bilateral, multilateral, pública e privada, cooperação descentralizada, técnica, financeira, civil-militar, etc., condicionalidade.	Carlos Sangreman /
3	- As motivações, a ética e os valores individuais e coletivos - A evolução das ideias na cooperação pelo CAD/OCDE e pelas Conferencias internacionais	Carlos Sangreman /
4	- Os paradigmas da cooperação - Objetivos de Desenvolvimento do Milénio	Raquel Faria
5	- Os modelos estatais organizativos na OCDE e nos países receptores	Raquel Faria
6	- O sistema geral de Cooperação – uma nova metodologia de leitura de síntese	Raquel Faria
7	- Os indicadores estatísticos da Cooperação	Carlos Sangreman /
8	- A Cooperação multilateral na União Europeia - A evolução dos Acordos ACP e as Cimeiras África-União Europeia	Carlos Sangreman /
9	- A Cooperação Multilateral no Banco Mundial, Bancos Regionais e agências da ONU	Carlos Sangreman /
10	- A Cooperação Bilateral Norte- Sul e Sul-Sul. - As estratégias da Cooperação Bilateral de países europeus	Carlos Sangreman /
11	- A evolução da Cooperação portuguesa	Carlos Sangreman /
12	- Os atores públicos do sistema português - Os ministérios, institutos, hospitais, escolas, etc..	Ana Larcher
13	- A cooperação descentralizada- os atores privados - As ONGD, municípios, universidades, fundações, igrejas, etc.. - Os atores configuradores do sistema em Portugal	Ana Larcher
14	- O sector privado lucrativo e a Cooperação - A responsabilidade social das empresas	Ana Larcher
15	- Os instrumentos da cooperação	Ana Larcher
16	- O financiamento internacional, público e privado	Fátima Proença
17	- O financiamento em Portugal	Fátima Proença



18	- A história e os modelos da avaliação	Fátima Proença
19	- Os exemplos de avaliação de projetos	Fátima Proença
20	- A avaliação em Estados em situação de fragilidade	Fátima Proença
21	- Introdução à gestão de projectos	Fátima Proença
22	- A conceção e gestão em parceria em projetos de direitos humanos	Fatima Proença
23	- A inovação na Cooperação portuguesa - O Fórum da Sociedade Civil para a Cooperação - Os clusters, conceção e gestão	Carlos Sangreman
24	- Os cenários futuros da Cooperação Internacional	Carlos Sangreman

Metodologia pedagógica

a. A metodologia dos cursos seguirá o conceito de E-Learning, o qual consiste num sistema de formação onde a totalidade dos materiais didáticos e aulas são transmitidos à distância disponibilizados por via de uma plataforma informática (neste caso na plataforma Moodle).

b. Eventualmente, poderá ser complementado com algumas conferências ou seminários que requerem a presença física dos formandos que residam no país, os quais serão gravados e disponibilizados *offline* como materiais dos cursos.

c. Uma das vantagens comparativas destes cursos é poderem ser seguidos por formandos interessados numa grande flexibilidade de horários, seja residentes em Portugal seja em países com fusos horários diferentes. A forma de comunicação entre todos os participantes é assíncrona não sendo imperativo que formandos e formadores estejam *online* ao mesmo tempo.

Ou seja, os formandos podem trabalhar à hora que lhes for mais conveniente estando as modalidades de avaliação adaptadas a essa exigência.

c. O curso disponibiliza os seguintes materiais *online*:

- ficha de disciplina com plano curricular, metodologia de avaliação, bibliografia base e outras indicações;
- pelo menos uma aula/palestra de apresentação, sendo as restantes com os temas da disciplina lecionados com os restantes materiais;
- apresentações em Power Point, vídeos ou pequenos filmes;
- textos de apoio para leitura e/ou consulta; de preferência com endereços eletrónicos onde os mesmos podem ser encontrados fora da plataforma



Estimula-se o trabalho autónomo, o debate académico e uma reflexão crítica com base na prática existente na cooperação portuguesa e doutros países que remeta para os quadros teóricos e metodológicos da área de conhecimento.

Avaliação

Alunos em Regime Avaliação Contínua: um trabalho escrito ao longo do ano com acompanhamento dos docentes a valer 60 % da nota final.

E uma prova individual e de duração limitada feitas com consulta plena.

Alunos em Regime Avaliação Discreta: duas provas escritas a valer 50 % da nota final e de duração limitada feitas com consulta plena e outra com a figura de um artigo escrito para ser colocado online se tiver qualidade suficiente.

O artigo a ser colocado on line pode ser elaborado com o regulamento do Projeto Dicionário da Cooperação Portuguesa do CESA, disponível em <http://pascal.iseg.utl.pt/~cesa/index.php/dicionario-da-cooperacao> - ou para uma revista internacional ou nacional a propor pelo docente ou pelo formando.

- Alunos em Regime Avaliação Final: prova escrita a valer 100% da nota final e de duração limitada, no final do curso.